



Genova.

Decaída da sua grandeza, mas conservando ainda o nome de *soberba*, e as suas ruas de palacios, esta cidade, que foi na idade media capital d'uma republica poderosa e rival de Veneza, dominadora do mar, e que partilhava com a rainha do Adriatico o privilegio do commercio oriental, antes que o nosso heroico Vasco da Gama, descobrindo um novo caminho para a India, e Affonso d'Albuquerque, estabelecendo n'essas longiquas regiões o nosso dominio incontestado, dessem a essas potencias italianas um golpe de que se não poderam levantar, Genova é hoje capital d'uma provincia italiana.

Habitada por um povo guerreiro, os Ligurios, que fizeram muitas vezes parte dos exercitos cartaginezes, Genova teve de se curvar a final, como toda a Italia, debaixo do jugo dos conquistadores Romanos. Quando a torrente dos barbaros inundou o imperio, Genova partilhou o destino commum, e foi escrava dos Lombardos antes de ser escrava de Carlos Magno e dos seus successores. No fim do seculo XI, aproveitando-se das dissensões intestinas do imperio, proclamou a sua independencia e estabeleceu um governo democratico, cujos chefes receberam a denominação de consules. Mas a in-

triga e ambição logo produziram desordens, e os Genovezes obviaram a esses inconvenientes por um meio bastante estranho. Fizeram-se governar por dictadores estrangeiros, que se denominavam *podestás*, auxiliados por um conselho de oito cidadãos.

Começou então a sua era gloriosa. Os mouros invadiram a Italia, Genova bateu-os, tomou a ilha de Corsega, e uma parte da de Sardenha, ousou invadir a Hespanha arabe tomando d'assalto as cidades d'Almeria e de Tortosa, auxiliou poderosamente os cruzados ganhando assim grandes vantagens pecuniarias e commerciaes, resistio energicamente aos imperadores Frederico I e Frederico II, soccorreu o pontifice, impoz tratados humilhantes ás republicas de Pisa, e de Veneza, suas rivaes, e fundou colonias na Asia e, até, no fundo do Mar Negro.

Em 1270 termina o governo dos *podestás*, substituidos por dois nobres com o titulo de *capitães da liberdade*, e uma especie de tribuno popular com o nome d'*abbade do povo*. Depois as discordias dos Guelfos e Gibelinos ensanguentam a republica e produzem uma longa e dolorosa guerra civil. Voltou-se de novo ao systema de dictadores

estrangeiros, depois veio a tyrannia dos *doze*, depois a dos *vinte e quatro*, depois foi eleito um *imperador*, a final a republica submetteu-se ao dominio de Roberto, rei de Napoles, e depois ao do papa João XXII.

Em 1331 principiou o governo dos doze durante o qual foram tantas as agitações, que a republica teve de se collocar no fim do seculo XIV, debaixo da protecção dos duques de Milão, e dos reis de França.

Apesar d'estas agitações politicas, a prosperidade commercial não diminuia, quando veio de subito a descoberta do novo caminho para as Indias. Seria esse o signal da morte da republica, se não surgisse exactamente n'essa época um grande homem que galvanizou o cadaver. Esse grande homem foi André Doria, especie de *condottiere* maritimo, que poz as suas esquadras ora ao serviço de Carlos V, ora do papa Clemente VII, ora de Francisco I, e que levou sempre a victoria nas pregas da sua bandeira. Este homem fundou na sua patria um governo aristocratico, e o impulso d'essa mão poderosa foi bastante forte para que a republica genoveza tivesse ainda mais de dois seculos de existencia. Mas perdera todas as suas colonias, toda a sua importancia maritima, e quando rebentou a revolução franceza, a aristocracia de Genova governava apenas um Estado de quinhentos mil habitantes, que é o mesmo que hoje constitue a provincia d'esse nome.

Os exercitos revolucionarios atravessando a Italia lançaram por toda a parte a semente das novas idéas. Quatro republicas ephemerias se erigiram na península italiana. A Lombardia chamou-se republica cisalpina, os Estados do Papa tomaram o nome de republica romana, Napoles passou a ser a republica parthenopéa, e a republica aristocratica de Genova transformou-se na republica democratica, que se denominou liguriana.

Durou oito annos essa republica. Em 1805 Napoleão reunio-a ao imperio francez, e Genova passou a ser a capital d'um departamento d'esse colossal imperio.

Em 1800 sustentara essa cidade um cerco memoravel, em que Massena adquirio talvez a gloria mais brilhante da sua carreira militar. Em 1814 não foi essa cidade igualmente feliz, e a guarnição franceza que a defendia teve de a entregar ao general inglez lord Bentinck, que deixou restabelecer-se a antiga constituição republicana de Genova. Mas em 1815 o congresso de Vienna reunio-a com o seu territorio aos estados do rei da Sardenha.

A situação d'esta cidade é admiravel, o seu porto é magnifico, e o seu aspecto deslumbrante.

Os Apenninos, em cujas faldas está construida em amphitheatro, recurvam-se em semi-circulo para formarem o seu maravilhoso golpho. Comtudo, o aspecto interior da cidade não corresponde nem á sua esplendida perspectiva, nem ao seu titulo de soberba. Apertada entre o mar e os Apenninos, dispõe de pouco espaço para se estender, de fórma que as suas ruas são empinadas, juntando a isso o

serem immundas. Em compensação tem quatro ou cinco ruas compostas unicamente de palacios de marmore, que maravilham o estrangeiro. As magnificas fachadas, e escadarias, os primores d'arte, que n'essas sumptuosas habitações se encontram, demonstram a opulencia e o bom gosto dos antigos dominadores do Mediterraneo. Esta cidade encerra tambem magnificos edificios publicos, um dos mais bellos theatros da Italia, o de *Carlo-Felice*, e passeios deliciosos.

Conta Genova actualmente perto de cento e quarenta mil habitantes, é sede d'um arcebispado, e liga-se por um caminho de ferro com Alexandria e Turim. O seu commercio ainda é importante, e pôde-se dizer uma cidade prospera ainda que esteja decaida do seu antigo poderio. Mas se não é a capital d'uma d'essas poderosas republicas, que monopolisavam na idade media o commercio do mundo, e avassallavam os mares, é italiana ao menos, emquanto a sua rival, a triste Veneza, muda e sombria no fundo das suas lagoas, vê com lagrimas de desespero tremular nas grimpas de S. Marcos a aguia odiosa dos Austriacos.

Findará agora o seu martyrio? e a guerra que rebenta na Europa quebrará afinal os grilhões da rainha do Adriatico?

## A NOVA EDIÇÃO DOS CLASSICOS

### I

O Elucidario portuguez, por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo

É a litteratura franceza que exerce um dominio incontestavel em Portugal. A belleza litteraria das producções dos seus escriptores, o dom especial que possuiu aquelle idioma e o povo que o falla de captivar o espirito dos estrangeiros, e, mais do que tudo isto, a incrível barateza a que tem chegado os seus livros são os motivos principaes da preeminencia que esta litteratura estranha exerce sobre todas as outras, e, até, sobre a propria litteratura nacional. E não se supponha, comtudo, que é o frivolo romance dos escriptores parisienses que rouba leitores ás chronicas pulverulentas dos nossos maiores, e ás pesadas epopéas que constituem a maxima parte da nossa velha bagagem poetica. Não; porque as edições dos classicos francezes, feitas a miude em Paris, encontram entre nós sempre saída; não; porque nas estantes dos nossos livreiros campeiam triumphantemente os livros de Froissard e de Brantôme e de Commines, as poesias de Ronsard, e de Marot, e de Du Bellay, as traducções de Amyot, os livros philosophicos de Descartes e de Pascal, e todos esses livros se vendem e desaparecem, emquanto as pessoas estudiosas debalde procuram nas mesmas estantes as chronicas de Fernão Lopes, de Azurara e de Ruy de Pina, as poesias de Ferreira e de Sá de Miranda, e de Diogo Bernardes, os livros de Amador Araes e de Heitor Pinto, as comedias de Simão Machado ou os romances de cavallaria de Francisco de Moraes.

Resulta d'aqui um phenomeno estranho no espirito da classe estudiosa portugueza: não ha ponto obscuro da historia de França ácerca do qual não tenhamos consultado os documentos

originaes; não ha vulto notavel nos seus fastos, cuja verdadeira estatura não conhecamos, cujas feições não possamos descrever, cujo viver intimo não saibamos a fundo, ao passo que a nossa historia só a conhecemos muito elementarmente, e os nossos heróes antigos apparecem-nos vagamente estampados nas brumas do preterito, com a fronte rodeada d'esse vaporoso nimbo, que é o caracteristico dos Achilles e dos Ulysses, dos heróes da epopéa homérica, dos semi-deuses das épocas ante-historicas.

Ha muitas razões para que se dê esse facto; mas, uma das principaes é a falta de edições economicas, é o descuido que tem havido na reproducção dos livros antigos, é o preço enorme que se nos pede por um exemplar de qualquer dos nossos velhos escriptores.

Appareceu agora um editor, que tentou remediar essa falta, que se abalançou á temeraria, mas patriótica empresa da publicação dos classicos. Esta empresa, que devia ser auxiliada não só por todos os portuguezes que prézam a sua patria, mas tambem pelo governo, que tem obrigação de favorecer todos os que procurarem deramar a instrucção nas classes menos allumiadas por ella, e darem vigor á nossa nacionalidade que não póde subsistir sem as tradições, e, por conseguinte, sem o conhecimento amplo d'esses venerandos livros, que são os depositarios d'ellas; essa empresa, pois, digamol-o para vergonha nossa, está arrastando uma existencia enfezada, e findará, de certo, se um relampago de patriotismo não illuminar por acaso a mente dos portuguezes e o espirito do seu governo.

O *Panorama*, cuja divisa foi sempre desenvolver o gosto pela historia e pela litteratura nacional, não póde deixar de pugnar pela conservação de uma empresa d'onde o paiz póde auferir tantos proveitos, e de recommendar com muita instancia aos seus leitores o auxilio d'essa nobre tentativa. É indispensavel que Portugal possúa um corpo completo das obras dos seus antigos escriptores. São os elos que ligam o passado ao presente, formando a cadeia das tradições nacionaes, são os pergaminhos da nossa autonomia, são as fontes maravilhosas onde se podem retemperar os fios embotados do nosso patriotismo.

As obras publicadas até agora pelo sr. Fernandes Lopes, que foi o editor que empreendeu corajosamente esta improba tarefa, tem sido as seguintes: *Elucidario portuguez*, por Fr. Joaquin de Santa Rosa de Viterbo; *Chronica da Companhia de Jesus nos estados do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcellos; *Trabalhos de Jesus*, por Fr. Thomé de Jesus; e os dois primeiros volumes da *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz de Sousa.

A revisão d'estas obras foi confiada pelo editor ao sr. Innocencio Francisco da Silva, de certo entre nós, pelos seus estudos especiaes, e pelas tendencias do seu espirito, o mais apto para levar a cabo um trabalho d'esta ordem.

Com o *Elucidario* abriu o editor a serie das suas publicações, e foi, devemos dizel-o, acertadissima a escolha. No seculo XIX e ao estado a que chegaram actualmente a philologia e a sciencia historica, não se lêem o que se conveniou chamar livros classicos com o fito unico de ir procurar nas suas paginas lições de boa e pura linguagem portugueza. Convencemo-nos a

final de que as linguas não são immoveis, e estudamos os classicos não como modelos, mas como guias onde aprendemos o modo como os grandes escriptores concorrem para o desenvolvimento da linguagem. Perante o homem verdadeiramente estudioso, que se engolpha n'estes estudos aridos, mas sublimes, um livro de Fr. Luiz de Sousa tem o mesmo valor que um velho chronico fradesco do seculo XIII; porque se aquelle lhe representa o estado da lingua na sua idade aurea, representa-lhe este a época infantil do idioma, que não é decerto a menos curiosa e a menos digna de estudo.

Se os leitores, por conseguinte, estão côm animo firme de entrarem nas mais sombrias devezas da vasta floresta do passado, se em vez de se recostarem voluptuariamente á sombra das floridas laranjeiras, que vicejam no formoso pomar de Fr. Luiz de Sousa e dos seus contemporaneos, têm a firme resolução de explorarem o labyrintho da historia, é o *Elucidario* o fio de Ariadne que os ha de guiar nos intrincados meandros d'essas velhas chronicas, d'esses restos informes da litteratura da idade media. Trabalho de beneditino, o *Elucidario* de Viterbo, como o *Glossaire* de Du Cange, é uma d'estas obras colossaes, que, sem darem ao seu auctor uma gloria brilhante, preparam aos outros os elementos de uma reputação estrondosa. Sem estes livros, recheiados de indigesta erudição, compilados laboriosamente no fundo sombrio de uma cella, alvo das zombarias da litteratura corteza, occupação da vida inteira de um pobre frade, para quem olhavam com motejador desprezo os poetas de outeiro, os chronistas elegantes, e os derretidos vates de mysticos dulçores, sem estes livros não seria possivel que os Thierrys, os Macaulays, os Herculanos, os Cantús, levassem a cabo as obras que os immortalisaram, e que dêram ao seculo XIX a mais brilhante escola historica de que se póde ufanar a humanidade.

O *Elucidario* de Viterbo, para quem o lêr e manusear com attenção e cuidado, não tem só uma importancia de dictionario, não vale só pelos esclarecimentos com que ajuda os ledores das obras antigas, dando-lhes a explicação dos termos obsoletos, tem tambem grande valia como livro que sirva para texto de estudos historicos e philologicos. Effectivamente nos extractos dos documentos dos antigos cartorios, desde as mais remotas eras, vai-se seguindo passo a passo o desenvolvimento da linguagem portugueza, assiste-se ao esphacelamento do latim, corrompido pela rude linguagem dos godos, n'esse cadaver do idioma do Lacio vê-se palpitar o novo idioma, que ha de ser a lingua de Camões. Como na chrysalida se presente a borboleta, assim nas grosseiras expressões dos antigos documentos se advinham as phrases energicas e doces que hão de exprimir depois, quando as murmurarem os labios dos grandes poetas e dos grandes prosadores, os sentimentos mais elevados e mais suaves, os impetos do patriotismo ou as meigas expansões do amor.

E que livro de historia valerá os singelos ensinamentos do *Elucidario*! Onde poderemos encontrar, reproduzidas mais photographicamente (se nos permittem o termo) as usanças e as crenças dos nossos antepassados? São, para assim dizermos, apanhados os nossos maiores em flagrante

delicto de sinceridade. Os chronistas, ainda mesmo os que não têm, como Fernão Lopes não tem, a mania da erudição e da imitação greco-romana, mania que veio depois produzida pelo grande movimento da renascença, os chronistas, ainda mesmo esses, não se podem esquivar a alindar um pouco a historia, a arranjar-a, a vestir-a segundo a etiqueta como quem tem de se apresentar perante os vindouros, e de se sujeitar á sua apreciação. Mas nos documentos, e, por conseguinte, no *Elucidario*, que nos apresenta uma ampla colleção, e uma colleção ordenada, de extractos d'esses documentos, a historia apparece em *négligé*, como quem pensa nos seus proprios negocios, e de modo algum nas observações que os vindouros podem colher do modo como esses negocios eram tratados pelas gerações que se iam succedendo na terra portugueza, e nos esclarecimentos que involuntariamente nos estão dando sobre a sua vida e gestos, o seu viver e crer.

Já vêem, pois, qual é multipla importancia do *Elucidario*, e a muita razão que teve o editor, o sr. Fernandes Lopes, de abrir com esse livro a serie das suas publicações; iniciados pelos trabalhos de Santa Rosa de Viterbo nos mysterios da historia, e do pensamento dos nossos maiores podemos com muito mais esclarecido criterio percorrer as paginas dos escriptores notaveis, que nos transmittiram nos seus livros um reflexo, avivado pelo seu genio particular, das idéas das gerações a que pertenceram.

Em successivos artigos iremos dando conta ao publico das outras obras que o sr. Fernandes Lopes tem já reimpressas, ou irá reimprimindo.

PINHEIRO CHAGAS.

### FASTIDIOSOS PRELIMINARES

No dia de Maulud (nascimento do Propheta) estavam assentados varios mahometanos na grande mesquita, quando chegou um homem da tribo dos Zmul; lançou-se nos braços do taleb, e, depois das saudações do costume trocadas reciprocamente, disse-lhe este:

— O que ha de novo? Como passam os de nossa casa?

O homem respondeu com socego:

— O falcão, que havieis educado, morreu.

— Como assim?

— Comeu muita carne.

— E donde veio essa carne?

— Dos vossos quatro cavallos que morreram.

— O que significa isso? O que se passou, pois, no aduar?

— Houve um grande incendio; aos gritos de socorro, reunio-se toda a gente, e foi tal o trabalho que os vossos cavallos tiveram na condução de agua para o apagar, que por fim morreram.

— Pois que! um incendio? Como succedeu isso?

— Os criados tinham accendido vélas; dormiam tranquillamente, quando de subito rebentou o fogo.

— Que necessidade tinham elles de accender vélas?

— Para o serviço funebre de vossa mãe.

A estas palavras, o taleb não pôde conter o

pranto; lamentou a perda de sua mãe e por fim exclamou:

— Maroto! grande maroto! porque me não fallaste logo de minha mãe? Era-me ella mais cara que todos os objectos do teu estúpido palavrório. Dize-me ao menos de que morreu.

— De ciume.

— Ella ciosa! e de quem?

— Vosso pai acabava de desposar segunda mulher.

### PONTE NATURAL NA VIRGINIA

Aquelle brilhante cavalheiro, que Walter Scott desenhou no seu romance de Kenilworth como um dos ornamentos da cõrte de Izabel, Walter Raleigh foi tambem um intrepido descobridor, um aventureiro audacioso. Em honra da sua formosa soberana deu o nome de *Virginia* a uma vasta extensão das costas da America do Norte, e esse nome ficou a um dos Estados meridionaes da União Americana. Está limitado ao norte pela Pensylvania e pelo Maryland, a leste pelo Oceano Atlantico, ao sul pela Carolina do Norte e pelo Tennessee, a oeste pelo Kentucky e pelo Ohio, e abrange uma superficie de vinte mil e duzentos kilometros quadrados. A natureza, formando o solo d'este paiz, dividio-o em duas partes bem differentes pelos seus caracteres physicos: aqui uma planura elevada coroada pela cordilheira dos Alleghannys, de clima temperado, de vegetação septemtrional, de verdejantes alfombras, e cujas perspectivas são tão opulentas quanto variadas; além, do sopé d'estas terras elevadas até ás praias do Oceano uma planicie em declivio, regada por innumeraveis correntes de agua, primeiro pouco fertil emquanto se conserva ainda afferrada ás montanhas, depois rica e fecunda, mas ao mesmo tempo doentia e paludosa, porque as aguas correm lentamente debaixo de um céu de fogo. O tabaco, o arroz, o trigo, são as riquezas d'esta zona, e as arvores das suas florestas são o cypreste, e o sycomoro, emquanto o carvalho, o pinheiro, e o azevinho embellezam os districtos occidentaes. Como de certo os leitores já adivinharam, a paizagem, que a nossa gravura representa, pertence á parte montanhosa da Virginia.

A mesma differença se acha nas populações. Aqui a raça é elevada, forte, vigorosa, e trabalhadora; não precisou de acorrentar o negro Africano ao terreno que ella mesma lavra. O habitante da planicie, pelo contrario, mais delicado, indolente, amigo dos prazeres, grande amator de formosos cavallos, entrega aos escravos todo o trabalho. Emtorno d'elle meio milhão de individuos agrilhoados protesta ou antes protestava contra a sua ridicula pretensão ao republicanismo, virtude que só de nome conhece e pelo exemplo de alguns homens illustres. O Virginiano actual, da mesma fórma que o antigo colono, é essencialmente aristocrata, e por conseguinte separatista; e comtudo a Virginia foi a patria de Washington e de Jefferson!

Pelo que dissemos, é facil de vér qual seria o papel adoptado por este paiz na ultima guerra; foi o centro da confederação meridional; a sua capital Richmond foi tambem capital dos Estados separados, e os Virginianos resistiram com uma intrepidez digna de melhor causa aos seus ir-



Ponte natural na Virginia.

mãos do Norte que pretendiam abolir a escravidão; foram vencidos depois de uma guerra, que espantou a Europa pelo seu encarniçamento, e que produziu um tão grande abalo em todo o mundo.

Não sabemos a que ficou reduzida a Virginia depois de essa tremenda lucta; em 1850 era ella o Estado mais povoado da Confederação a baixo dos de New-York e da Pensylvania. Tinha um milhão quatrocentos e vinte um mil seiscentos e sessenta e um habitantes.

A região superior possui minas de ouro, de ferro e de chumbo, mas as importantes são as de ferro, carvão de pedra e sal. A agricultura e a criação de gados constituem a principal riqueza da Virginia; a cultura do tabaco tem principalmente uma grande importancia. Ainda que a Virginia ficasse muito atraz dos Estados do Norte pelo que respeita a via de communicações, comtudo desde 1850 empregaram-se numerosos capitães na construcção de canaes e de caminhos de ferro.

Em religião, a Virginia offerece a variedade de seitas habitual na America do Norte. A maior parte dos habitantes são anabaptistas, mas ha tambem methodistas, presbyterianos, episcopaes, judeus, quakers, unitarios, e universitarios. Os catholicos estão já em grande numero, e tem dois bispos, um em Richmond, outro em Wheeling.

Em estabelecimentos de instrucção publica é esse Estado abundante. A universidade de Charlottesville, fundada em 1819, e que tem uma rica subvenção do Estado, é um dos estabelecimentos d'esse genero mais consideraveis da America do Norte.

Não fallámos nas instituições politicas da Virginia; todas se baseavam na existencia da escravidão, e o resultado da ultima guerra transformou-as naturalmente, ou está-as ainda transformando.

A Virginia divide-se em quatro regiões subdivididas em cento e cincoenta condados. As suas cidades principaes são Richmond, capital; Norfolk; Alexandria que tem dez mil habitantes, uma academia, um bom porto, e um commercio muito desenvolvido; Charlottesville, onde existe a universidade de que fallámos, mas que tem apenas dois mil e quinhentos habitantes; Petersburg com doze mil habitantes; Wheeling com onze mil.

## A GALATÉA MODERNA.

### IX

#### No camarote

Mal sai da platéa e entrei no salão foi-se-me diminuindo a pouco e pouco o impeto e a esperança de animo, que me apparentava facil a missão. Não havia, porém, recuar. Decidira comigo mesmo que era necessario haver as cartas de Violante, e jurara não descançar sem as obter.

Entestei, ou antes, arremetti com o corredor, tal era o fogo heroico que me animava, e entrei no camarote da baroneza.

Estava só.

Eu tinha relações antigas com ella, que me davam azo a menosprezar a etiqueta mundana. Conhecera-a quando era noiva ainda, e fazia andar à roda a pobre cabeça do barão, que com ser bastante ossea e dura, não era lá das mais robustas. A baroneza teve sempre pelos modos certa sympathia pelo barão, e fez d'elle ou base de operações ou ponto objectivo, como dizia um official de bastante prestimo.

Este official já ia na quarta parallela do sitio, que puzera à baroneza, e preparava-se a saltar os ultimos reductos, que promettiam ruim defesa.

Não persigamos, porém, n'este terreno escorregadio. Más linguas ha no mundo, que em tudo lançam veneno. São ladrões da reputação alheia, porque perderam a propria. De tudo fazem escarceos. Microphylos descarados lhes chama o meu amigo Antonio Alvares, que não perdoa o idioma hellenico. Matilha de cães açulados, lhe chamam outros, que foram mordidos. Deixemo-nos, porém, de divagações, e voltemos à questão. A baroneza estava só. Mau guardião era o marido, que só vivia bem, quando deixava a esposa ao desamparo. O que havia ella de fazer senão amparar-se a alguem? Apesar de bastante gorda e cheia de alvissimas carnes, não perdera a flexibilidade, a nativa elegancia, o mimo que faz da mulher verdadeiramente linda uma hera viçosa, que necessita de enroscar-se ao tronco do roble, abraçal-o intimamente, enlaçal-o em mil enleios, para evitar a queda. Mas se o tronco lhe falta, que muito é que a mulher formosa se encoste ao primeiro arbusto, que se lhe depare? Não mais se póde elevar tão alto, ha de rastejar pelo chão; mas, mais lhe vale isso, do que emmurchecer de todo e ser pisada.

A baroneza assim fez. Faltou-lhe um esteio firmou-se n'outro. Era, porém, de uma pujança admiravel; era uma natureza vigorosa e robusta; era como as junças de Java, cujas latadas natu-

raes cobrem as serranias. Pouco era um esteio só, para sustentar as ramadas abundantes, que cada vez cresciam mais e se espanejavam á folga aos raios da amorosa paixão do amor fervido. Os seus cabellos, que a cobriam até os pés, eram outras tantas raizes, que, em terrenos fecundos, deitam os proprios troncos. Carecia, pois, de muitos e muitos esteios. E o que havia de fazer a pobre baroneza? Haverá por ahí alguém que sonhe ainda paraizos descorados e scandinavos? Que vele o rosto e fuja para os gelos do polo. A baroneza é do meio-dia. Por isso agarrou-se ao primeiro esteio, depois ao segundo, ao terceiro, e a mais outro e outros. Que lá contal-os não sei eu, nem posso. Não sou forte em numeros, e quando se trata de multiplicações erro quasi sempre. O que é certo é que a baroneza deu-se perfeitamente com o tratamento. Era, pelos modos, therapeutica boa de levar. Não parecia disposta a mudar para os homœopathas... que só receitam doses muito pequenas. Remedios heroicos são sempre os melhores.

Saúde ou morte.

Aconteceu, porém, com a baroneza, o que sempre acontece em casos identicos. A medida que tomava o remedio ia-se acostumando a elle e tinha de augmentar as porções. Chegara, a final, a doses verdadeiramente grandiosas e assustadoras. Os liames que a sustinham aos diversos robles iam-se afrouxando mais e mais. Por isso succediam-se estes a miude, e cada qual por sua vez offerecia encosto á formosura peregrina, que não podia viver sem resguardo e abrigo, apesar da pujança e valentia de que era dotada. Altos mysterios physiologicos, que obrigavam a baroneza a espalhar innumerous braços por toda uma floresta. E que a trepadeira cada vez tinha mais viço e frescor. Nenhuma apresentava tanta robustez. Nenhuma se desatava em tantos fructos, sem que as rosas do rosto se desbotassem por isso.

Era uma creatura singular a formosa e mundanal baroneza!

Entrei, pois. Pela terceira vez o digo, e será esta a ultima. Estava a baroneza encostada levemente ao braço direito, o qual se apoiava no rebordo do camarote. Os seus olhos dirigiam-se distractidos para todos os sitios, sem que um ponto determinado lograsse captivar-lhe a attenção. Parecia aborrecida. Não procurava ninguem, porque o seu rosto denotava apenas enfado. Também não esperava, porque tinha as costas voltadas para a porta da platea.

— Minha senhora, disse eu, mal me assentei ao fundo do camarote. Muito ha que não tenho o prazer...

— Phrase ôca e sonora, que não quer dizer nada. Diga-me ao que veio. Estou lendo nos seus olhos que me quer pedir alguma cousa, algum pequeno serviço consoante com o meu fraco prestimo.

E a baroneza abaixou modestamente os olhos, como quem está conscia do seu poderio.

— São os olhos espelho da alma, na qual se re-

trata fielmente o nosso pensar, disse necessariamente algum dos sete sabios da Grecia.

— E se elles o não disseram, dil-o o senhor, o que é o mesmo.

— Agradeço do intimo a excellente opinião que tem de mim.

— Vamos, vamos. Estou impaciente. Já sou bastante velha para dispensar cumprimentos gongóricos.

A baroneza abaixou outra vez os olhos, e contemplou, atravez dos rendilhados do leque chinez, o seio turgido que arquejava divinamente.

— Obedeço, como sempre, ás ordens de V. Ex.<sup>a</sup>

— Se obedece, obedeça já.

— Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que está um calor insupportavel, provavelmente porque não ha ventilação no theatro.

— Bom. E depois?

— Em segundo lugar, que Mongini tem cantado de um modo admiravel.

— Excellente. E depois?

— Em terceiro lugar, que V. Ex.<sup>a</sup> está impaciente, e eu impacientissimo.

— Admiravel. Sabe adivinhar... como simples propheta. Avie-se. Continue.

— Em quarto lugar, que sou pessimo diplomata.

— Adivinhou agora.

— E a final que...

— Seja affeito. Conte desde já com uma recusa.

— Pois então ha de ouvir-me até o fim. Venho aqui cheio de humildade e contricção pedir-lhe que me dê noticias circumstanciadas do amor de Violante.

— Oh! Isso é facil, respondeu a baroneza derubando os sobrolhos e fitando-me de um modo singular. Isso é facillimo. Violante foi como Ophelia. Foi vogando rio abaixo, colhendo as rosas, que encontrava, até se perder no oceano ignoto.

— Isso é tudo e é nada ao mesmo tempo.

A baroneza sorriu acremente, como quem lhe peza lembranças de scenas desagradaveis, que o tempo foi oblitando.

Calou-se um pouco, agitou o leque com a mão febril, ao mesmo tempo que os olhos pareciam vasculhar o passado, e affugentar para longe as sombras, que o encobriam.

— Sabe o que pede? Um impossivel.

— Já esperava essa resposta, e vinha preparado para ella.

— Então para que teimou?

— Porque quiz convencer-me.

— De que?

— De que V. Ex.<sup>a</sup> foi a actriz d'esse drama, cujo enredo tenho na mão.

— Menos philaucia, *caro mio*, como dizem os cantores que estamos ouvindo.

— Oh! minha senhora. Eu não sou romancista. D'essa pecha estou livre. Nasci, porém, em ruim conjunção, que foi a de Mercurio com Marte. Desfaço enredos e ando em guerra com os preconceitos. Tal é o meu horoscopo. O meu amigo Antonio Alvares, que é um sabio, leu a minha sorte nos astros.

— Antonio Alvares! Pois ainda vive esse original?

— São e escoreito, como sempre. Não ha mal, que o acabrunhe. Lá está elle na platea approvando com a cabeça o rondó da prima-dona. Jurou pelos penates que nunca havia de dar palmas, ainda que o enthusiasmo transponha o delirio. É, com effeito, um original.

A baroneza seguiu com os olhos a direcção que eu indicava.

Fez-se pallida, corou depois ligeiramente, e ciciou:

— Sabe uma cousa? Não me aprazem conspiradores.

— Já não ha conspirações.

— Mas ha tramas horrendos e calumnias infames.

— Ha sim, minha senhora, assim como a sociedade encobre muita ulcera e muita chaga. Os que as descobrem não caluniam. Mostram a podridão, para que todos se acautelem.

— E fazem bem, interrompeu a baroneza com um ar constricto de Magdalena paradisiaca. O peor é que os incautos deixam-se sempre apanhar. Deixemos, porém, moralidades, e vamos antes ao seu pedido. Supponha que não posso contar-lhe nada. Perde muito com isso?

— Muito. Uma historia patetica narrada por V. Ex.<sup>a</sup> é manjar, que não posso regeitar. As suas palavras, minha senhora, são perolas.

— Então se perde só isso, não perde muito.

— Mas não só isto. Está enganada. V. Ex.<sup>a</sup>, que foi amiga intima da pobre Violante, conhece a historia a fundo, com todas a individuações; tem talvez algumas cartas...

— Traidor! Apanhei-o em fim. É um perfeito Machiavel. É um negro politico. Dissimulou.

— Quem não sabe dissimular não sabe reinar, disse o mesmo Machiavel, no seu livro *Do Principe*. E se bem que eu não queira reinar, quero saber a verdade para meu governo e socego de animo.

— Pois bem. Vou-lhe dar um conselho... em vez das cartas.

— Tudo, tudo minha senhora, para o favor ser completo.

— Não seja tão ambicioso, que se perde. Nunca peça d'esses favores a uma mulher, que conhece o mundo e ainda não fugio d'elle.

— V. Ex.<sup>a</sup> não póde abandonar os seus subditos.

— Lisongeiro! Menos ironia por favor, e mais verdade. Sabe, por ventura, as ligações que houve entre mim e Violante? Sabe se eu posso atraiçoar uma amiga, que, apesar de haver desconfiado de mim, alliou-se comigo como nunca fez com outrem? Confidencia oral, não a espere. As cartas... queimei-as.

— Ainda que V. Ex.<sup>a</sup> fosse Vestal, e só tivesse esse combustivel para alimentar o fogo sagrado, estou certo que o deixava apagar.

— Engana-se. As cartas queimavam-me e por isso... queimei-as. Fallavam ellas de uma época feliz de vida nas tribulações do presente, e a sau-

dade tem, ás vezes, tantos espinhos, quando a esperanza bate as candidas azas! Ah! meu caro amigo, e sei que posso dar-lhe este nome, não pode comprehender as immensas dôres que hei soffrido sob falsas apparencias de felicidade e ventura. É o mundo um complexo de mentiras, e a calumnia, sempre a calumnia... Lembre-se da aria de D. Basilio.

— Perfeitamente, minha senhora. Bem sei eu o que é o mundo. Bem sei o que são as mil calumnias que se revolvem nos charcos como os infusorios. V. Ex.<sup>a</sup>, porém, está illesa.

— Ninguém evita o veneno.

— O contraveneno é a verdade. Não conheço outro antidoto.

— Quem a quer ouvir?

— Eu.

— Pois bem. Ouvil-a-ha toda e inteira, mas como a representavam os antigos, hedionda até. Amei um dia. Enlouqueci, não lhe parece? Amar n'este seculo é assignar a propria sentença. Amei com as veras de um coração frívolo, que de repente se sentio preso. Foi um delirio, que nunca passou. Foi uma vertigem. Depois... Ha no deserto um vento desolador, que arranca as arvores mais annosas, derrue casas, cresta a selva, secca as fontes e espalha por toda a parte a morte e a destruição. Quando sopra esse vento infernal erguem-se vastas ondas de arêa, que correm encapelladas, como mensageiras do demonio.

Desgraçados dos peregrinos que são colhidos por esta vaga furiosa. Nada lhes resta senão a morte. Suffoca-os a arêa, que lhes escalda o sangue nas veias. Morrem tisnados e sepultos nas immensas molles abrasadoras, que os tragam como monstros enraivecidos. Depois cessa a tormenta. Não crescendo as arvores nos oasis; tornam as naiades a chorar nas grutas; reverdecem os relvedos; mas não resuscitam os mortos. Pois o meu amor foi como o vento do deserto. Causou a morte de um ser querido, cuja vida eu resgatára á custa do proprio sangue. Ahi tem a historia. Abrio as feridas, e o sangue corre em fio. Foi barbaro. Deus lhe perdoe, e a mim, que pequei. Enviar-lhe-hei as cartas amanhã. São poucas, porque poucas foram as que escaparam ao fogo. Escreva agora o seu livro.

— Deus me livre, senhora.

— Escreva. Os mysterios, que revelar, só eu os conheço, e o seu amigo Antonio Alvares. Elle que lhe conte o resto. As cartas de Violante podem guial-o. O mundo, se ler o livro, cuidará que tudo foi obra de uma imaginativa creadora e fecunda. E oxalá assim fosse!

— Não agradeço, porque estas cousas não se agradecem. Não tenho merecimentos para ser o confidente de V. Ex.<sup>a</sup> Eu só queria apurar a verdade. Perdoe-me, pois, V. Ex.<sup>a</sup>

Despedi-me e saí. Descrever ao leitor o meu espanto é obra superior ás minhas forças. Continuar a baroneza a representar o seu papel? Continuar a ser actriz consummada? Seria mentira o que me disse? Amaria ella alguma vez na

vida? Teria espinhos alguma rosa das muitas que colheu? A minha ignorancia era supina e cabal. Vagava em um mar de duvidas, sem norte e sem rumo. Felizmente, porém, o meu amigo Antonio Alvares promettêra-me as suas confidencias, as quaes, combinadas com as cartas de Violante, poderiam guiar-me na resolução d'esse problema, que se denomina Alfredo de Mello. Se eu podesse, em fim, apanhar esse camaleão, que por tantas vezes zombou dos meus estudos mais profundos e aturados!

Fui ter com Antonio Alvares; contei-lhe o que tinha passado com a baroneza, e, ao mesmo tempo, exigi-lhe o cumprimento da sua promessa

Foi todo o outro dia entregue a confidencias, a leituras de cartas, a confronto de documentos. Depois comecei o livro, e aonde me falhavam cartas (e muitas e repetidas eram as falhas) tive eu de compor, seguindo, todavia a verdade, que me era indicada por Antonio Alvares.

Tal é a razão porque eu tive de tomar a palavra, quando o leitor esperava, talvez, alguma carta de Alfredo de Mello. E agora que é tempo de encerrar este já longo parenthesis, prosigamos na nossa narrativa com a maxima rapidez.

A. O. DE VASCONCELLOS.

## UMA OBRA DO SECULO IX

CHRONICON ALBELDENSE

**Começa a ordem dos annos referida brevemente**

VIII — Desde Adão até o diluvio, MMCCXLII. — Do diluvio a Abraham, DCCCCXLII annos. — De Abraham a Mosés, DV. — Da saída dos Israelitas do Egypto, até a sua entrada na terra da Promissão, XL annos. — Desde esta entrada até Saul, primeiro rei de Israel, depois dos Juizes, CCCLVI. — Saul reinou XL annos. — Desde David até o principio da construcção do Templo, XLIII annos. — Desde a primeira edificacção do Templo até a transmigracção de Babilonia, houve Reis por CCCCLIII annos.

No anno LXX do captiveiro do Povo e desolacção do Templo, foi este restaurado por Zorobadel. — Desde a restauracção do Templo até á Encarnacção de Christo, decorreram DXL annos.

Deduz-se do que fica dito, que todo o tempo, decorrido desde Adão até á vinda de Christo, foi de VMCXCVIII annos.

Da Encarnacção de N. S. Jesuchristo ao primeiro anno do reinado do Principe Wambano, DCLXXII annos.

Do tempo de Wambano até o nosso, que é a Era DCCCCXXI, passaram CCXI annos.

Collige-se, finalmente, que todo o tempo, desde o principio do Mundo até a Era presente, DCCCCXXI e XVIII anno do reinado do nosso Principe Adefonso, filho do glorioso Rei Ordonio, foi de annos VIMLXXXII; e da Encarnacção do Senhor até nós DCCCLXXXIII.

**Das seis idades do mundo**

IX — Primeira idade: de Adão até o diluvio, MMCCXLII annos.

Segunda idade: do diluvio até Abraham, annos DCCCCXLII.

Terceira idade: de Abraham até David, annos DCCCCXLI.

Quarta idade: desde David até a transmigracção de Babilonia, CCCCLXXVI annos.

Quinta idade: desde a transmigracção até Christo e o Imperador Octaviano, em cujo tempo da Virgem Maria e do Espirito Santo nasceu Christo.

Sexta idade: que começa desde Christo, tem agora na era de DCCCCXXI, DCCCLXXXIII annos.

— Quanto sobre isto se pretenda saber, só de Deos é conhecido, para nós occulto, como o diz o Senhor no Evangelho. « Não é para vós o conhecer os tempos, nem os momentos que o Pae conserva sob a sua potestade.»

(Continua)

## EVGMOULA

Canto grego

Evgmoula a bella acaba de casar-se; acaba de unir-se a um marido pallikar.

Ella gaba-se de não temer a Morte; um mau passaro, porém, vai dizel-o a esta, e a Morte dispara-lhe uma frecha fatal.

Evgmoula começa a empallidecer: «Minha mãe, digo-te adeus; veste-me com os meus vestidos de noiva, e quando elle vier, o meu querido Constantino, não o afflijas, e prepara-lhe a ceia. Toma esta alliança, e entrega-a a Constantino para que elle possa novamente ligar-se a outra esposa, afim de adquirir novos parentes, alcançar novos amigos.»

Constantino atravessa o campo a cavallo, com quinhentos senhores e mil pallikars. Vê uma cruz á sua porta e padres no pateo.

«Morreria algum dos meus?»

Mette as esporas ao cavallo e entra no pateo: «Eu vos saúdo a todos. Para quem é este esquife? — Evgmoula, a formosa Evgmoula morreu!»

«Faze a cova, coveiro, faze a cova para duas pessoas; uma cova larga, uma cova profunda.»

Em seguida puxou do seu punhal e enterrou-o no coração. Foram ambos para a mesma cova.

Sobre esta cova brota uma flôr, sobre esta cova brota um cypreste; e quando o vento sacode os ramos, a flôr e o cypreste abraçam-se.

## AGUA DOCE SOBRE AGUA SALGADA

Encontram-se na Noruega golphos, ou *fiords*, onde a agua é doce na superficie e salgada no fundo. O doutor Berna, Vogt e Gresoly na sua viagem ao Norte, estudaram um *fiord* onde a agua salgada começava a 1<sup>m</sup>,50, pouco mais ou menos, de profundidade. A agua doce, mais leve, conduzida pela ribeira, conservava-se á superficie. A draga trazia do fundo ouriços, conchas e peixes do mar. As algas e outras plantas maritimas apresentavam uma vegetacção miseravel, pois a agua doce, que é hostile ao seu desenvolvimento, substituiu durante o verão a agua salgada. Esta, porém, predomina no inverno, quando os regatos e ribeiros, formados pela fusão da neve, param ou congelam, e os ventos veem perturbar as tranquillias aguas do *fiord*, e misturar a agua salgada do fundo com a doce da superficie.